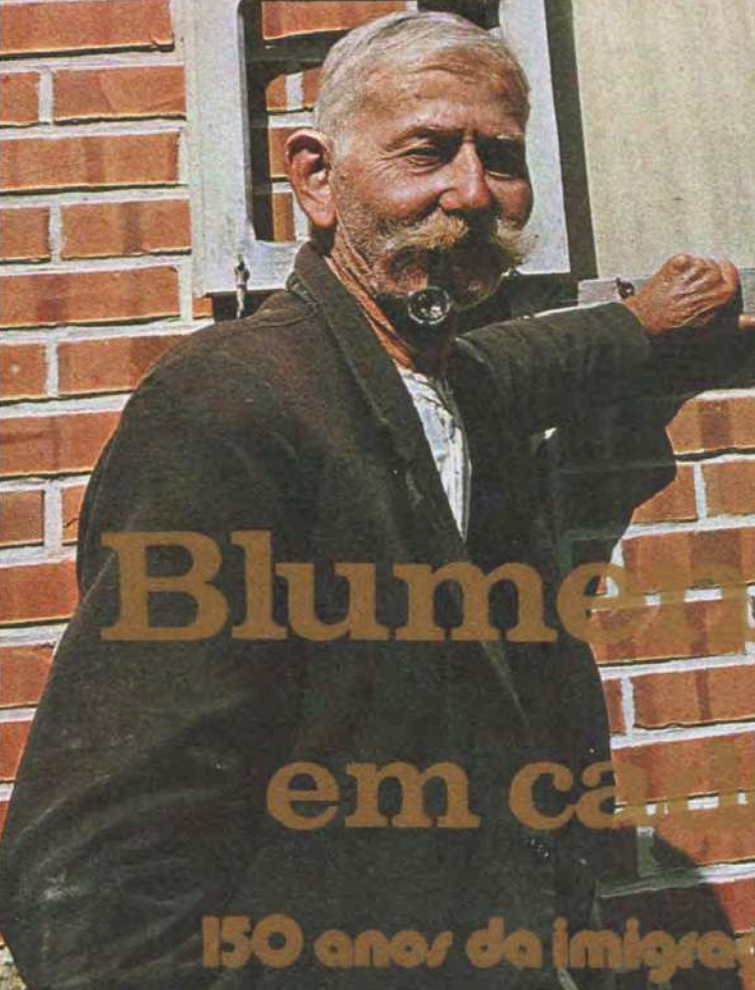


TAXA PAGA
AUTORIZAÇÃO Nº 48
ECT DR S. C.

ELES ACREDITARAM NO BRASIL



Blumenau
em campos
150 anos da imigração alemã

CANTO DOS COOPERADORES

**Esta publicação pode sobreviver
graças à generosa contribuição dos
seguintes cooperadores**

Cremer S/A. - Produtos Têxteis e Cirúrgicos - Blumenau
Centrais Elétricas de Santa Catarina S/A. - Blumenau
Tabacos Blumenau S/A. - Blumenau
Indústria Têxtil Companhia Hering - Blumenau
Artex S/A. - Blumenau
Cia. Comercial Schrader S/A. - Blumenau
Prefeitura Municipal de Blumenau
Companhia de Cigarros Souza Cruz - Blumenau
Artur Fouquet - Blumenau
Electro Aço Altona S/A. - Blumenau
Distribuidora Catarinense de Tecidos S/A. - Blumenau
Fundação Teófilo Zadrozny - Blumenau
Felix Hauer - Curitiba
Conrado Hildefonso Sauer - Rio de Janeiro
Fritz Kuehnrich - Blumenau
Armen Mamigonian - Presidente Prudente S. P.
Companhia Industrial Schlösser S/A. - Brusque
Tecelagem Kuehnrich S/A. - Blumenau
Malharia Blumenau S/A. - Blumenau
Gráfica 43 S/A. - Ind. e Com. - Blumenau
Consulado Alemão - Blumenau
Dr. Jucy Varella - Caçador

Blumenau

em Cadernos

T O M O X V

O U T U B R O D E 1 9 7 4

Nº. 10

COERÊNCIA E PATRIOTISMO

F. C. Allende

Blumenau deve ganhar, desde já, a consciência de sua alta cultura, como centro educativo, onde brilham ao lado de um magestoso teatro, institutos aprimorados de instrução, estabelecimentos humanitários que ilustram uma civilização.

Nem por sermos geograficamente uma pequena parcela da confederação devemos estar inibidos de aspirar, em consciência, a grandesa moral e mental que podemos adquirir fazendo nascer do esforço próprio, apurado ao cadinho de uma disciplina educativa da vontade e da inteligência. A todos, neste período de transição para subir ou descer, isto é, para vencer em conjunto na atuação de valores orientados por aquele "disederatum", ou desaparecer no esquecimento de energias negativas e anuladas à evidência dos verdadeiros valores selecionados ao feixo da equação que será resolvida ao balanço das forças pensantes da nacionalidade brasileira, se depara o verdadeiro caminho a trilhar — o caminho da honestidade e compostura nos atos e nas palavras, no julgamento crítico do proceder alheio, no levantar e não deprimir o que porventura resvale ao declive da pauta de ascenso moral à reta que deve ser traçada ao cumprimento dos próprios deveres.

Essas obrigações impõem-nos o verdadeiro patriotismo, o amor pela terra que embora não nos tenha sido berço, nos acolheu

como se dela fôssemos filho dileto.

Blumenau, lavada da taxa ignóbil que aqueles que não nos conhecem nos queriam imputar, longe do servilismo incondicional aos gestos de capatazes de aldeia ou de fazendólas, o sentimento inato no povo de união de forças inteligentes conjugadas em prol de uma alta afirmativa mental que demonstre o nosso grau de capacidade e de cultura para glória e honra da Pátria Brasileira.

Só poderemos ser grandes, relegando as armas ignobeis de uso de irresponsáveis para retaliações da honra e da dignidade humana consagrada pelo consenso geral, para denegrir e diminuir o mérito alheio ao pelourinho público levantado pela impotência da inveja ou despeito da turbamulta dos eternos descontentes ou insatisfeitos.

Já é passado o tempo dos mentores despóticos que só permitiam e admitiam a valides intelectual aos prosélitos de sua orientação exclusiva na grei e no rito convencional ao predomínio da imprensa ou da cátedra, da política e da administração, da escola e do lar. Época de incompreensão tiranica, do intolerantismo e atrazo intelectual.

Fôra essa tirania mental que invalidou os valores nascentes, invalidando a nossa terra para o surto de outras capacidades que a poderiam ilustrar e eleva-la no próprio conceito a afirmar-se perante a consciencia nacional. Sejamos coerêntes com as nossas ideias, mas convenhamos de vez gregos e troianos, que acima dos nossos interesses caseiros e subalternos estão os interesses de Santa Catarina, estão os interesses do Brasil, estão os interesses da própria coletividade circunscrita ao âmbito do convívio regional.



O Pastor Faulhaber dedicou-se muito ao problema da instrução e ensino religioso em Blumenau. Foi ele quem concretizou a fundação da Associação dos Professores e das comunidades escolares, e a ele deve-se, também, muitos melhoramentos no prédio da Igreja Evangélica. A construção da Igreja de Itoupava Central, também foi realização sua. Durante 17 anos ele dedicou todos os seus esforços à comunidade de Blumenau, voltando depois, por motivo de saúde, para a Alemanha, sua terra natal.

UM GRANDE MESTRE DA HISTÓRIA CATARINENSE

(Oração pronunciada em 31/08/74 pelo acadêmico Dr. Victor Antônio Pelluso Jr., na qualidade de orador oficial da cerimônia, por ocasião do descerramento, no pátio do horto botânico da "Fundação Casa Dr. Blumenau", de uma placa de bronze em homenagem ao emérito polígrafo Professor José Ferreira da Silva, fundador desta revista, placa essa oferecida pelo Conselho Estadual de Cultura, pela Academia Catarinense de Letras e pelo Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina.)

O Conselho Estadual de Cultura, a Academia Catarinense de Letras e o Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina reverenciam a memória de José Ferreira da Silva. Sua dedicação à pesquisa, seu amor à verdade histórica, sua diuturna atenção para os múltiplos aspectos da evolução do grupo humano de cuja existência partilhava, fizeram de José Ferreira da Silva o grande mestre da história do povo humilde, simples e trabalhador que, através das suas páginas, vemos desbravar a floresta hostil e nela construir a magnífica cidade que dinamisa a sua região, até a pouco mais de um século a área de caça de tribos primitivas.

José Ferreira da Silva tem lugar excepcional na literatura catarinense. Despretencioso, simples, ensinou verdades igualmente singelas aos seus contemporâneos. Mostrou que a história pode ser escrita com a vida diária do povo, O lavrador, o operário, o comerciante, o industrial que constroem a riqueza da comunidade são objetos valiosos para a perspectiva

histórica do país. Mas sobretudo demonstrou que o amor a este povo deve orientar o seu historiador. E amou Blumenau com desvelo, paixão, trazendo para as páginas da sua obra o eco deste magnífico amor que nada pedia em troca senão o direito de se dedicar a conhecer o passado de sua gente.

A importância da obra de Ferreira da Silva para a integração da sociedade catarinense jamais poderá ser suficientemente exaltada. Os grupos humanos que se instalaram no território do Estado de Santa Catarina cresceram isolados, apoiados, apenas, no seu próprio trabalho e na tenacidade de sua luta contra o ambiente. Cada um tem recordações da própria dor, das desilusões que desfizeram os sonhos dos pioneiros. E cada um cresceu orgulhoso de seus próprios feitos e de suas próprias conquistas, considerando-se acima dos demais, olhando para um futuro que julga somente depender de si mesmo. Este isolamento cultural é despedaçado por Ferreira da Silva com os seus estudos históricos. Ensina,

em seu estilo singelo, que cada povo deve gratidão às raízes de que descende. Narra a vida dos alemães, e evidencia a força ciclópica da tradição de trabalho deste povo admirável na construção de Blumenau. Através das suas obras percebe-se que para Ferreira da Silva não será um brasileiro legítimo quem não souber honrar e respeitar seus antepassados. E esta lição vem dando esplêndidos resultados que se manifestam em obras semelhantes que aparecem em várias comunidades. Não são imitadores, mas escritores que aprenderam com Ferreira da Silva o valor da história de sua gente. E surge a saga deslumbrante de heróis que viveram a sua própria vida e com ela construíram os fundamentos de um novo país. O que parecia original, único e próprio de cada grupo, surge como a tônica dominante da sinfonia exaltadora que todos, em conjunto, executaram na terra catarinense.

Blumenau constitui-se no modelo da formação da parcela da sociedade catarinense de origem germânica. Ferreira da Silva, pacientemente, constrói este modelo com suas biografias do Doutor Blumenau, Fritz Müller, numerosos artigos históricos, os inigualáveis "Cadernos" e a "História de Blumenau". Aprendemos com ele o mecanismo da instalação dos primeiros imigrantes, o aparecimento dos serviços e das indústrias e, sobretudo, o valor das personalidades marcantes. Não foi apenas o fundador da colônia que mereceu do historiador acurado exame, mas também os imigrantes que influenciaram a colônia. Perfis de épocas diversas dão a visão do conjunto da área através do tempo, e das variáveis numerosas, cujas funções ressalta, chega à cidade industrial

dos nossos dias. É este mesmo modelo que se vê aplicado em várias comunidades. Algumas não foram além da categoria de centro de serviços, mas outras da, mesma forma que Blumenau, alçaram-se ao nível de centro industrial.

Os estudos sobre os núcleos de formação do povo catarinense ainda são poucos. O exemplo de Ferreira da Silva deve ser seguido, sua obra amplamente divulgada para que tenhamos o conhecimento da evolução de nossa sociedade. É através deste conhecimento que se obterá a integração dos numerosos grupos humanos que constituem a população catarinense. A experiência de um grupo de origem germânica é, em sua essência, a mesma experiência do que provém de italianos, poloneses, ucranianos e, inclusive, de vicentistas e açorianos. Despidos de suas particularidades pessoais, todos sofreram, lutaram, e com energia procuraram alcançar o seu lugar na comunidade brasileira. E será obtendo a cooperação de todos que se alcançará a integração dos catarinenses em uma sociedade que honra a nação brasileira.

O bronze em que o Conselho Estadual de Cultura, a Academia Catarinense de Letras e o Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina materializam as expressões de sua admiração e saudade por José Ferreira da Silva exprimem o valor da obra do historiador. Dedicando-se à história de Blumenau, José Ferreira da Silva transformou esta cidade e seu povo no símbolo grandioso da gente catarinense que trabalha para o engrandecimento do Brasil.

As origens da Colônia Nova Ericeira

por Walter F. Piazza

Diz Jacinto A. de Matos, *Colonização do Estado de Santa Catarina*, 1917, p. 24, referindo-se à ocupação e colonização da Enseada das Garoupas (hoje Porto Belo):

“Neste último lugar, foi em 1818 intentado o estabelecimento de uma colônia, com o nome de Nova Ericeira.

“Era uma colônia de pescadores, sendo d’ella encarregado o Intendente de Marinha, Mello e Alvim, e que mais tarde foi Presidente da Província, como Chefe de Divisão (era Miguel de Souza Mello e Alvim).

“Para fundação dessa Colônia foram adquiridos terrenos no valor de Rs. 5:383\$458, incluídas, nesta importância, as despesas com a construção de casas.”

Lucas A. Boiteux, sobre este fato, esclarece em suas opulentas *Notas para a historia catarinense*, Florianópolis, Tip. Livraria Moderna, 1917, p. 305:

“No ano seguinte (1819) vieram no Navio Conde de Peniche 101 pessoas de ambos os sexos.” E, o mesmo autor, p. 307, acrescenta: “No ano seguinte (1820), por ordem da côrte, mandou-se dar baixa a 80 soldados do 2º batalhão do 12º regimento de Portugal, do comando do coronel Madeira de Mello, para povoarem a Colônia Nova Ericeira e as Caldas do Cubatão, esta tentativa não vingou, infelizmente.”

Recente pesquisa no Arquivo Nacional, GB, nos pôs à frente de interessante documento cujo título, por si só, fala do empenho governamental em povoar e fazer desenvolver aquela parte da terra catarinense: “*Relação das terras que há para vender na Enciada de Garoupas, e suas vizinhanças, próprias para o novo estabelecimento dos Colonos Europeos.*”

Nessa relação, assinada pelo Governador da Capitania de Santa Catarina, João Vieira Tovar Albuquerque, e datada de 14 de março de 1820, tem-se dados tais como “nome dos donos”, “número de braças de frente”, “número de braças de fundo”, “paragem” (localização), “preços, pouco mais ou menos” e “observações”.

Pela primeira coluna — “nome dos donos” — fica-se sabendo que, ali, já havia um povoamento anterior.

Vejamos, pois, quais os “donos” dos terrenos que, ali, existiam e as características de cada um.

A relação se inicia com *Antonio José d’Oliveira*, cujo terreno tem 150 braças de frente e 750 de fundos, localizando-se na “Encosta dos Bobos para os Zimbos”, e cujo preço era de “1\$000 r. a braça” e constavam “são terras incultas de morros, mas menos más.”

O seguinte era *Antonio Cardoso*, cujas terras têm 150 braças de frente e 750 de fundos, com localização idêntica ao anterior, com o mesmo preço por braça e as mesmas características.

O terceiro proprietário era *Vicente Antonio*, com 100 braças de frente e 750 de fundos, localizando-se na mesma situação que os anteriores e tendo o mesmo preço e as mesmas características entretanto, com uma particularidade: "e tem bom porto p^a. Canoas".

Segue-se *Anna Maria e suas duas irmãs*, com 240 braças de frente e 100 de fundos, localizadas na Praia do Mariscal, ao preço de 400 rs, a braça, sendo "Planícia. terras d'areia próprias p^a. mandioca, milho".

Outra proprietária era *Faustina Maria*, com 140 braças de frente e 600 de fundos, situadas "Entre os Zimbos e Garoupas", ao preço de 2\$000 rs. a braça, e este preço justificava-se por que "São mto. boas terras, e proximas da nova Povoação", o que indica o processo de valorização dos imóveis com a instalação dos Ericeiros.

Outra propriedade é de *Antonio Francisco dos Santos e José de Souza*, com 34 braças de frente e 1000 de fundos, localizada nas Garoupas, ao preço de 2\$400 rs., e, mais uma vez, a razão da valorização "Estas são pegadas às da nova povoação, e já se repartirão pelos novos Colonos".

Segue-se a do *Tenente Floriano José Marques*, com 100 braças de frente e 1500 de fundos, também nas Garoupas, com o elevado valor de 6\$000 rs. a braça, e justificando assim: "Estas terras são muito proximas à nova povoação, são de muito boa qualidade; e são mais caras pr. qe. tem Cazas Engenho d'assucar, e plataçoens; mas seo dono quer vendelas".

E finalizando a aludida relação *José Lopes*, com 190 braças de frente e 1500 de fundos, situadas estas terras na "Tapera, na praia das Garoupas", ao preço de 2\$000 rs. a braça, com esta declaração: "Estas terras estão incultas; e como taes forão destinadas pa. indenizar os antigos donos d'aquellas em qe. agora está a nova povoação: porem sempre vai o valor d'ellas para o cazo que S. Magde. queira mandar pagalas".

Assim, se tem um quadro, ainda impreciso, da problemática da localização de novos colonos na bucólica Enseada das Garoupas. Por outro lado, vê-se que o problema da valorização imobiliária não é, somente, fruto do mundo moderno... Quem não quer ter lucros?

Vê-se, ainda, que há necessidade de determinar que tipos de estudos devem ser efetuados com relação ao povoamento ao litoral catarinense, especialmente no tocante às gentes de Ericeira!"

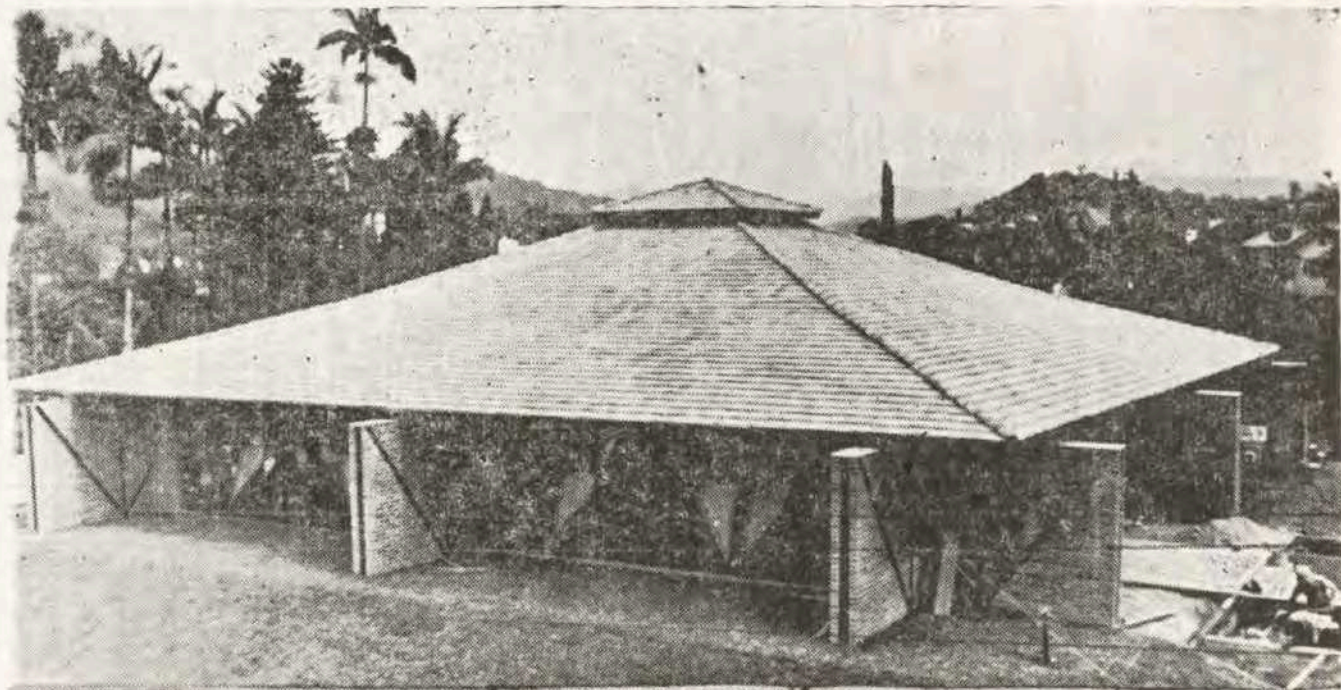
O processo de identificação social e econômica da área em apreço, só, agora, numa conjunção de vários tipos de abordagem poderá dar, aos estudiosos da História Catarinense, uma nova dimensão dos fenômenos em foco."

Mausoléu que abriga os restos mortais do Dr. Blumenau

O Mausoléu ao Dr. Blumenau foi construído na área nobre da cidade e vai fazer parte no futuro, do Grande Parque, onde esta rão reunidos a Biblioteca Pública, o Museu e o atual prédio da Prefeitura Municipal, que será destinado a uma finalidade de caráter cultural. Tudo isso ao lado do atual Horto Florestal.

Foi construído, aproveitando as características de um dos muitos estilos da arquitetura alemã, trazida pelos colonizadores e denominada entre nós de Enchaimel.

Este estilo tem estreita ligação com as antigas construções do Brasil co-



lonial, de barro ou taipa, com madeiramento cruzado para segurança, daí a sua generalização entre nós.

Suas linhas ar-

quitetônicas tem sido aproveitadas em construção residenciais com material moderno. É uma das mais puras expressões da arqui-

tetura alemã antiga e mesmo antes de estar acabado, já o mausoléu começou a despertar a atenção do blumenauense e dos turistas.

Ocupa a área de 338,56 metros quadrados. Tem no centro um bloco de 4 urnas para os despojos do fundador e seus familiares.

Um Cinquentenário Em Rio das Antas

C. GAERTNER

A Companhia Estrada de Ferro São Paulo Rio Grande, após a conclusão do trecho ferroviário da Linha Sul, no Estado de Santa Catarina, passou à medição e demarcação das terras que constituem a Colônia Rio das Antas, ao redor da Estação ferroviária do mesmo nome, à margem esquerda do rio do Peixe. Recebera do Governo Imperial, ratificada pelo Governo da República, a concessão de uma faixa marginal de quinze quilômetros de terras devolutas existentes a cada lado da ferrovia. Em 1911 começou a colonização.

Em Rio das Antas, como centro geografico entre Porto União, à margem do Iguazú, e Marcelino Ramos, à margem do Uruguai, foi demarcado o maior quadro de Estação de toda a linha Sul, pois aí se projetava o estabelecimento de todos os serviços ferroviários de reparos, manutenção, oficinas, almoxarifado, depósito de máquinas, triângulo e casas residenciais que, mais tarde, por múltiplos fatores adversos a Rio das Antas, foram deslocados para Videira.

Em 1914 já havia em Rio das Antas, a par dos nacionais e descendentes de italianos, um grupo de alemães e de teuto-brasileiros vindos de Serra Abaixo e do Rio Grande do Sul.

Mais ou menos a 1300 metros da Estação, no bifurcamento geratriz das estradas Rio do Veado e Barra Feia, adiante do cemitério, Jacob Rau estabeleceu-se com casa comercial. — Estava-se, então, no mais aceso da Campanha dos Fanáticos e as Estações ferroviárias de Calmon e São João já tinham sido atacadas a 5 e 6 de setembro. Os colonos de Rio das Antas foram intimados pelos jagunços a abandonar a Colônia, sob pena de serem atacados. Mas não deram ouvidos à ameaça, pois havia um destacamento militar de 40 homens guarnecendo a Estação, e os colonos tinham aberto trincheiras nas proximidades da Casa Rau, reforçando-as com cercas de arame farpado.

Entretanto, numa bela manhã de segunda-feira, dia de Finados, 2 de novembro de 1914, quando os colonos cultuavam os mortos, um cavaleiro a todo galope veio avisá-los de que os jagunços estavam se aproximando. Ao avistarem os jagunços vindo pela estrada da Barra Feia, os colonos recolheram-se a trincheira, recebendo uma descarga que feriu levemente no quadril um filho do negociante, de nome Frederico Rau. Começou, então, a luta que se prolongou até às três horas da tarde. Os jagunços não puderam tomar o entrincheiramento e perderam 20 homens, entre os quais o famoso chefe Chico Alonso, deixando no campo de batalha 12 animais encilhados, 7 rifles Winchester e 5 fuzis Mauser. Mas os colonos tiveram também o seu tributo de sangue. Por infelicidade, uma mocinha que auxiliava o remuniciamento, de nome Selma Hoppe, ao dirigir-se da trincheira para o galpão, foi mortalmente atingida. Quando cessou

o fogo do lado jagunço, os dois irmãos Kubass, homens de avantajada estatura, cansados de permanecer encolhidos na trincheira, levantaram-se, confiantes, para estirar as pernas e nessa ocasião foram certeira-mente alvejados por tiros dos jagunços de atalaia. — Por ocasião da aproximação dos jagunços, o colono Hermann Selhorst ficou preocupado com o bem estar de seus familiares, pois os bandidos tinham passado por perto da sua propriedade. Por isso não se recolheu à trincheira mas tomou pelo mato a fim de ir atender mulher e filhos, Foi, entretanto, percebido pelos facinoras, Mais tarde o seu corpo foi encontrado, completamente desfigurado a golpes de facão. — A vitória, que poderia ter sido considerada brilhante, foi empanada por essas mortes. Além disso, na colônia, por ocasião da retirada dos bandidos remanescentes, mataram ainda o jovem Philipp Wagner, o brasileiro Leão, o polonês Alexandre Frankowski e outro colono cujo nome a historia não guardou. Seus corpos, devorados pelos porcos, foram encontrados por August Solle semanas depois, Ao todo a Colônia perdeu sete homens e a menina.

Os colonos, apesar de o terem pedido, não receberam o merecido auxilio do destacamento militar de 40 homens comandados pelo tenente Osvaldo Diniz, e só apareceram dois soldados, à retaguarda da luta, em casa do colono Spierkermann, por ordem do comandante, para ver o que estava acontecendo. O tardio socorro veio de Erval e no dia seguinte chegou um reforço militar de São João. Os colonos mortos foram sepultados e os corpos dos jagunços, queimados.

Em virtude disso os colonos abandonaram suas propriedades e a Companhia colonizadora removeu-os para Cachoeira, entre Rebouças e Rio Azul no Estado do Paraná, e para Faxina, no Estado de São Paulo, onde lhes deu novas terras. Tinham perdido a confiança na força militar e ficaram temerosos de outro ataque jagunço por vingança. Na Colonia permaneceram apenas os solteirões Wilhelm Solle e August Solle, fornecendo lenha para a Estrada de Ferro, auxiliados pelos soldados.

Só mais tarde, quando a Campanha chegou ao fim, um ou outro colono regressou. Jacob Rau que fora para Canoinhas permutou suas terras com Rudolph Hoepfner. Vieram outros colonos do litoral catarinense e do Rio Grande do Sul. Mas o ataque jagunço trouxe para Rio das Antas grandes prejuizos que se refletem até hoje. Em vez de ser a primeira colonização da região, passou para segundo plano. Em vez de ser o primeiro município criado, passou a ser o ultimo a emancipar-se.

x x x

Não obstante, em principios de 1919, Rio das Antas passou a ser a sede do destrito do mesmo nome, Sexto do Município de Campos Novos, abrangendo o seu territorio as Estações Rio Caçador (disputada, então, por Curitiba), Rio das Pedras (hoje Videira) e Rio Bonito (hoje Tongará), tudo à margem esquerda do rio do Peixe, porque na margem direita o território pertencia aos Municípios de Porto União e Catanduvas.

A Companhia Estrada de Ferro São Paulo Rio Grande vendeu o remanescente das terras da Colônia para a Empresa Povoadora e Pastoril Theodore Capelle & Irmão, passando a Colônia a ser dirigida pelo francês Pierre Albert Bonneville. A Gleba 424 foi vendida à firma Fidencio Ribeiro & José Rigo, que a subdividiu em lotes.

A Colônia já contava, então, entre os colonos ítalo e teuto-brasileiros, com alemães natos vindos de outras partes do País. — Diretamente da Alemanha para Rio das Antas, chegaram dez famílias, formando um grupo de 64 pessoas. Essas famílias chegaram nos vapores *Gelria*, *Flandria* e *Zeelandia*, desembarcando no Rio de Janeiro. Lá permaneceram em quarentena na Ilha das Flores, depois do que embarcaram para São Francisco do Sul. Nessa cidade portuária permaneceram alguns dias, tomando em seguida o trem para Porto União. Estavam nesta cidade quando receberam a visita de seu compatriota *Wilhelm Solle* que lhes recomendou, com insistência, a Colônia Rio das Antas, possuidora de terras férteis, boas aguadas, altitude acima de 780 metros o que lhe proporcionava um ótimo clima temperado, o que não acontecia mais ao sul onde o clima era mais quente. Como a informação coincidissem com a de outros compatriotas, resolveram estabelecer-se em Rio das Antas, adquirindo seus lotes de particulares e da Empresa *Capelle*, ao preço médio de Rs 1:200\$000 em prestações. Alguns, que podiam compraram a vista. Rs. 1:200\$000 corresponde, aritmeticamente, com a modificação nominal da moeda, a Cr\$ 1,20.

Os colonos chegaram a Rio das Antas a 2 de agosto de 1923.

As estradas, naquele recuado tempo, eram simples carreiros. Havia uma estradinha carroçavel para a Barra Feia e Rio do Veado, outra, parcial, em direção ao Rio Preto (hoje *Ipoméia*), e também uma outra que alcançava os lotes comprados pelos imigrantes no Alto Rio das Antas, hoje com o nome de *Retiro Saudoso* devido à denominação dada por Santo Antonio Bonoto à Granja *Viti-vinicola* ali localizada. A estradinha ia até o lote do colono brasileiro *Sebastião Gringo*, que foi comprado pelo imigrante *Edmundo Kopp*.

As famílias vindas da Alemanha foram as seguintes: 1) *Eduard Wegner* e sua mulher *dona Amalie Wegner* e os filhos *Alfred*, *Paul*, *Gustav*, *Salomon*, *Eduard*, *Heinrich*, *Elsa* e *Martha*. 2) *Friedrich Klettke* e sua mulher *dona Christiane Klettke*, e os filhos de dois leitões, *Heinrich*, *Otto*, *Willy*, *Adolph*, *Gustav*, *Kurt*, *Paulino* e *Adeline Klettke*, e *Konstantin* e *Emma Isbrecht*. 3) *Friedrich Benke* e sua mulher *dona Emma Benke*. 4) *Friedrich Ziemer* e sua mulher *dona Wilhelmine Ziemer* com os filhos *Emilie*, *Irene*, *Luzian* e *Erwin*. 5) *Gerhard Müller* e sua mulher *dona Sophie Müller* e os filhos *Willy* e *Bertha*. 6) *Julius Draeger* e sua mulher *dona Wilhelmine Draeger* e os filhos *Erna*, *Lydia*, *Lene*, *Erwin*, *Emil*, *Hilde* e *Frieda*. 7) *Julius Paul* e sua mulher *dona Auguste Paul*. 8) *Michel Adam* e sua mulher *dona Julianne Adam*, os filhos *Willy*, *Helmuth*, *Lenisa*, *Frieda*, *Hilde*, *Ella* e *Lydia*, e o neto *Samuel*. 9) *Michel Kopp* e os filhos *Loise*, *Johanna* e *Karoline*, e os netos *Gertrud*, *Charlotte* e *Selma*. 10) *Edmund Kopp* e sua mulher *dona Bertha Kopp*.

x x x

Desembarcando em Rio das Antas, os imigrantes trataram de alcançar suas terras. — A família *Wegner*, a pé, gastou um dia todo para esse fim, sendo que a mudança foi conduzida pelas carroças do negociante *José Resko Krukoski*.

Os novos colonos desconheciam completamente as condições agrárias da terra, pelo que muito sofreram nos primeiros tempos. Era mato

fechado de pinhal. Era preciso a roçada com a foice, a derrubada das arvores mais grossas com o machado, e deixar secar para em seguida queimar e fazer a plantação a sacho, no meio dos tocos e coivaras. Um sistema completamente diferente do europeu, onde se trabalhava a terra limpa com o arado de tração mecânica ou animal. Numa dessas derrubadas de roça deu-se um triste e lutuoso acontecimento: a senhora Bertha Kopp foi vitimada pela queda de um pesado galho de pinheiro, a 7 de fevereiro de 1924. — Passaram, assim, muitas agruras e sofrimentos. Além do tormentoso trabalho da terra para o plantio, o gado dos fazendeiros dos arredores, que vivia solto, penetrava nas plantações, comendo e estragando mais do que comia. Os colonos foram sofrendo os prejuizos, lutando para que os criadores fechassem invernadas para o seu gado. Entretanto, foram também fechando suas plantações, não com arame, pois lhes faltava o dinheiro, mas com achões lascados e coivaras, à moda cabocla. — Para sobreviver, tiveram que ir vendendo as coisas boas que tinham trazido da Europa, roupas, objetos de casa e de uso pessoal, talheres de alpaca ou de prata, pratos de porcelana, armas de caça, etc. Muitos foram, na entre-safra, procurar serviço longe que lhes garantisse alguns mil reis extra. Membros da família Wegner e da família Ziemer foram trabalhar na construção da estrada de Palmas. Para ir ao serviço tinham que tomar o trem, desembarcar em Nova Galicia e seguir a pé para o trabalho, onde se demoravam dias.

A família Wegner, devido a mudança alimenticia e climaterica teve quase todos os seus membros atacados por disturbio intestinal semelhante ao paratifo, ficando, sem poder trabalhar, meses em tratamento. Mas, que tratamento! Não havia farmácia em Rio das Antas. Médico só em Porto União, o dr. Braz Limonge, e em Marcelino Ramos, o dr. Salaroli. O tratamento foi feito na base de dieta, homeopatia, remedios caseiros, orações e ervas. Felizmente a intrépida avó Wegner, dona Amalie, não adoeceu e pôde assim tratar maternalmente a todos, conseguindo restabelecer os doentes.

O trabalho e o sofrimento dos primeiros tempos foi insano. Felizmente tiveram sempre o consolo, o estímulo e o amparo dos seus bons vizinhos. — Além disso a fé em Deus era muito grande. Todos os colonos recém-chegados eram muito religiosos e reuniam-se para o culto divino. Assim, na falta de clérigo, o primeiro culto da Igreja de Deus foi realizado por dona Julianne Adam servindo de capelã.

E Deus ouviu-lhes os rogos. Os tempos foram passando e as coisas foram mudando. Os filhos, que eram pequenos, foram crescendo acostumados ao trabalho rude e aprenderam a trabalhar a terra virgem ao modo dos desbravadores. — O amor ao trabalho, a tenacidade, a economia e a disciplina, qualidades raciais do povo germânico, tornou-os vencedores, e de tal forma que sentiram-se felizes, a 28 de outubro de 1973, festejando o cinquentenário da sua chegada ao Brasil e a Rio das Antas. E o fizeram, de maneira pinturesca e religiosa, na sua bonita Igreja de Deus, construída na Colônia, rodeados dos irmãos de crença de outras partes do Estado, e onde agradeceram a abundância de que estão cercados oferecendo a Deus as primicias das suas colheitas.

x x x

Lembrando aqueles tempos, recordamos que Lucas Alves Ribeiro era o Intendente e Subdelegado de Polcília; Elias Brahim, o Juiz de Paz, Orestes Pereira Gomes, Escrivão de Paz; e dona Corina Krukoski a Agente Postal. A Escola Pública, com a transferencia da professora Regina Michielon, estava sem titular. Paulo Behrens era o professor da Escola Alemã e servia como capelão da Igreja Luterana na falta de pastor. — As casas comerciais existentes eram as de José Krukoski, Guilherme Knibel, Esperidião Manoel, Gabriel José Isfer e de Eugenio Chaves. O hotel pertencia a Basilio Pedro e a alfaiataria a Jacob Willibaldo Hartman. A serraria de Luis Sella ficava proxima à vila, em frente ao cemiterio, e a de Domingos Sorgatto, no Rio do Veado, hoje Cel. Tiburcio. O colono Luis Fâe tinha uma ferraria no seu lote rural. Otto Seidel, Karl Weiss e Paul Adolph possuíam moinhos coloniais.

A Colônia era povoada por muitos colonos brasileiros. italo e teuto-brasileiros e por colonos alemães. Nomeamos a seguir, apesar da deficiência da lista, os seguintes: Wilhelm e August Solle, August Büdeler, Wilhelm Richter, Julius Raabe, Paul Adolph, Wilhelm Wichmann, Robert Kopitski e Paulo Behrens; Otto, Ernesto, Erich, Willy e Alfredo Seidel, Carlos e João Tschá. Jacob Hahn, Rodolfo Hoepfner, Franz Loos, João Dalke, José Stein e Carlos Ledur; Joaquim Forghieri e Luis Fâe; José Cardoso dos Santos, Sebastião Gringo, Antonio Mariano, João e Satiro Ribeiro de Oliveira, Laurentino e Arlindo de Oliveira Ramos, José de Souza (José Padeiro), Mariano Assunção (Mariano Surdo), Ingracio Dias de Assunção, Tomaz Vitalino e outros. Pedro e Adelino Vicente de Queiros residiam no lugar chamado Gramado dos Vicente, hoje Estação Gramado. — Nos campos proximos viviam os criadores Napoleão, Capitolino e Amazonas Moraes, Alfredo e Augusto Mello, João e Joaquim Correia, José Timoteo Pontes, Alfredo Ribeiro, José, Oliveiro e Ireno Alves dos Santos, e outros.

x x x

Cinquenta anos depois, encontramos Rio das Antas elevado a Município por ato de 21 de junho de 1958, com 339 quilômetros quadrados de superficie e com 6246 habitantes, conforme o censo de 1970. Seu clima é temperado, produzindo trigo, soja, milho, feijão e arroz. Sua grande riqueza é a viticultura. Cumpre lembrar que o primeiro parreiral da Colônia foi formado pelo colono Joaquim Forghieri. Hoje temos a importante Granja Retiro Saudoso Ltda., fundada por Santo Antonio Bonotto e pertencente aos seus descendentes. A grande esperança do Município está na sua pomicultura, pois já há grandes plantações de maçãs, pêssegos, nectarinas e ameixas, prometendo esta recente iniciativa, até agora muito bem sucedida, tornar-se uma das mais lucrativas fontes de receita.

Decorridos cinquenta anos após o Gelria, o Flandria e o Zeelandia terem deixado no Rio os 64 imigrantes alemães componentes das dez familias nomeadas, restam deles, como é natural, apenas 29, dos quais as pessoas mais idosas são as venerandas senhoras Wilhelmine Draeger, com 89 anos e Johanna Morgenstern, nata Kopp, com 84 anos. Já poucos restam daqueles bravos e tenazes alemães que, após a Primeira Guerra Mundial, vieram desbravar as nossas matas e reconstruir no Brasil suas economias arrazadas pela guerra. Entre os que permanecem estão aqueles que vieram da pátria alemã ainda crianças e que aqui cresceram absorvendo a lingua

e os costumes da nova pátria, numa rápida aculturação. Mas, mesmo os velhos que ainda sobram dessa jornada do tempo, integraram-se a esta terra que consideram como sua pátria adotiva. Gostariam, é verdade, não fosse o peso dos anos, de visitar a Alemanha, mas já não pensam mais em viver na Alemanha, pois bem sabem que a Segunda Guerra produziu nela mudanças drásticas que revolucionaram quase todos os costumes e subverteram a maioria das tradições, transformando a Grande Alemanha, ora partilhada, num país desconhecido para os seus próprios filhos que de lá partiram na sua aventureira viagem de há cinquenta anos. Seus filhos e seus netos já são brasileiros de nascimento e coração. Já duas vigorosas gerações nasceram neste belo País, prestaram a ele o seu serviço militar, trabalham e vivem na abastança econômica, alegres e satisfeitos, amando esta terra da liberdade, do trabalho fecundo e da paz construtiva.

Rio das Antas associa indissolúvelmente o seu cinquentenário ao sesquicentenário da Colonização Alemã no Brasil, festejado, por uma curiosa e significativa coincidência, sob a Presidência da República de um ilustre brasileiro de ascendência alemã — o íntegro General Ernesto Geisel.

Porque “América”?

Por Gustavo Konder

Lendo o interessante livro intitulado “Die Eroberung der Erde” — (“A conquista da Terra”), do famoso sábio alemão Wilhelm Treue encontrei, entre outras narrativas, uma, talvez inédita entre nós, sobre a origem do nome da América e por esta razão resolvi revelá-la aos meus dedicados leitores.

“Quando Cristovão Colombo anunciou a sua grande descoberta, acreditava piamente ter encontrado o caminho mais curto às ilhas asiáticas, entre elas o Japão. Não resolveu, portanto dar um nome às terras achadas e ainda desconhecidas. Apenas chamou-as de “Novo Mundo”, até hoje adotado. Também utilizavam outros nomes, tais como: “Outro Mundo” ou o “Segundo Mundo”, embora imaginando firmemente que se tratava do Velho Mundo ou seja a Asia.

Em 1502, o geógrafo Americo Vespúcio, depois de sua segunda viagem à então desconhecida América, na qual descobriu, pela primeira vez, com exatidão, as linhas costeiras do Brasil. Para as comprovações feitas naquela época, à respeito das novas explorações, não apresentavam provas concretas, mas a sua explicação, publicada em latim e alemão. Somente em 1503 começou a denominação definitiva do novo continente. Esta narrativa teve ampla repercussão na época e levou à glória o nome de Americo Vespúcio em toda a Europa que, com isto, poz seriamente em duvida o grande feito de Colombo. As cartas de Colombo e a sua narração de viagem quasi não obtiveram divulgação. Por mais estranho que possa parecer, Cristovão Colombo foi quasi esquecido e, em seu lugar, aparecia esplendorosamente o nome de Americo Vespúcio.

É exagero censura-lo por vaidade e pelo desejo de colocar-se no primeiro plano. Hoje mesmo é de certo modo compreensível que alguém procure encontrar o reconhecimento, por feitos realizados entre as maiores dificuldades e perigos. Seria julgar com muita parcialidade, censurar Vespúcio por uma coisa de que muitos outros de seu tempo foram culpados e não censurados. Qual deles não se envaideceu? Por acaso, Côrtes ou Pizarro não obtiveram a grande vontade de “perpetuar-se no primeiro plano?”. Balboa não descobriu o Oceano Pacifico, afim de ficar no abismo do esquecimento. Não devemos esquecer que Americo Vespúcio nunca procurou diminuir a gloria de Cristovão Colombo, apenas não assumiu o papel de seu advogado.

Em 1507, o professor do colégio de St. Dié, na Lorêna (França), Martin Waldssemueller ou Waltzemueller — em grêgo seu nome é Hylacomylus — publicou quatro narrações de Vespúcio. Então a desgraça iniciou o seu curso. Ainda no mesmo ano, Waldssmueller, em outro livro, propôs denominar e Terra de Américo, Amérige ou América, o quarto continente. Então Vespúcio, foi, por muitos outros, frequentemente celebrado como o legitimo descobridor do Novo Mundo. Este engano ou esta “falsificação” deve ser, em grande parte, atribuído à ignorância do Sr. Hylacomylus. Seja como fôr, o nome encontrou aprovação. Depois que Waldssemueller, em 1507, registrou-o no seu mapa-mundi, que só se reencontrou quasi 400 anos depois, outras cartas geograficas e globos o copiaram sem remover as inúmeras denominações, às quais pertencem Peruana ou Brasilia. Só no século XVII, o nome América passou a ser aceito no mundo inteiro.

Questão largamente discutida. reabriu-se com uma doutrina do professor A. L. Pereira Ferraz — “Américo Vespucci e o nome da América”, aprovada pe o Congresso Luso-Brasileiro de História, o qual agrega o nome do continente a uma qualidade de pau-brasil, conhecida por *ameri* entre os italianos, porque vinha de uma região asiatica, assim denominada. Imaginando ter aportado a terra do Oriente, Vespúcio teria feito um roteiro de caráter mercantil em certo mapa, de que Schoener dá noticia em 1533. A nova teoria tem em seu favor muitos vestígios, mas basta o paralelo do globo Jagelônico (1509), onde América fica no Oriente, com o de Petrus Apianus (1524), em que Ameri e o Novo-Mundo, para se chegar a uma conclusão, desde que ambas as terras forneciam o mesmo produto comercial. A baralhada de Ameri com Américo, que fazia carregamentos dessa madeira, dar-se-ia fácilmente, resultando América por convergência de vozes, o que Waldssemueller (1507) não soube explicar de forma conveniente.

Blumenau, Outubro de 1974



Uma grande leva de imigrantes chegou em 1930. Eram 1.640 menonitas de descendência germânica, que se viram obrigados a deixar a Rússia Soviética e, fugindo para a Alemanha, foram encaminhados para o Brasil, por conta do Governo alemão, e domiciliados nas colônias dos rios Alto Krauel e Dollmann, no município de Ibirama.

Bibliófilos e Bibliógrafos (II)

OSWALDO R. CABRAL

No primeiro dos meus artigos sobre bibliófilos e bibliógrafos focalizei o trabalho de um autor catarinense ainda desconhecido — e queira Deus que algum dia se torne devidamente divulgado!... alertando quantos se interessam pela nossa cultura para que não se perca uma obra de valor da *Bibliografia Catarinense*, de José Martins Guedes Pinto.

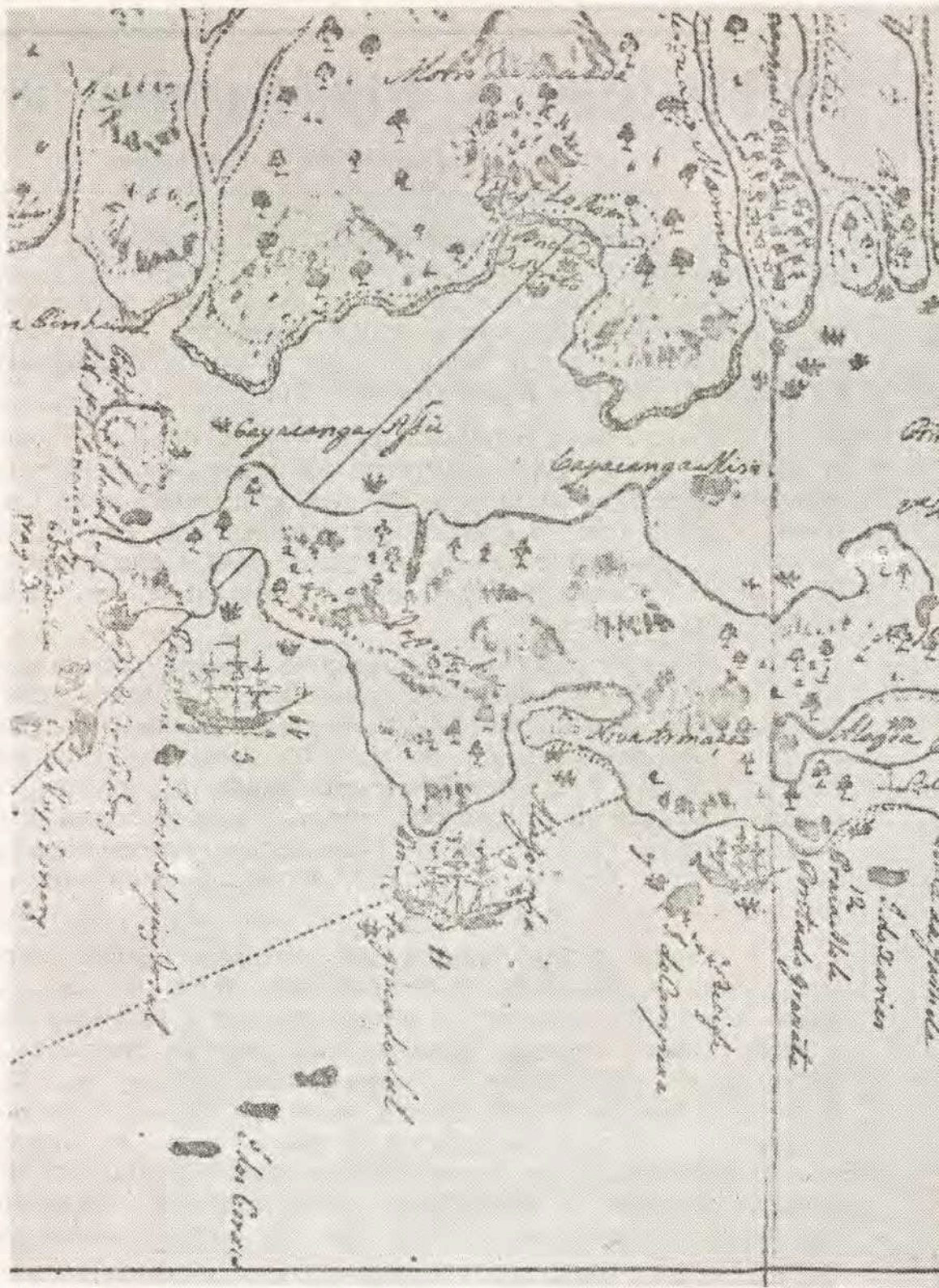
Hoje, retomo o trabalho para lembrar um bibliófilo que, embora não tenha sido catarinense, foi homem profundamente interessado pela nossa crônica histórica, principalmente na parte ligada à colonização do Estado, mas que nem por isso deixava escapar a oportunidade que lhe aparecesse para reunir o que de mais precioso e raro houvesse sobre a vida catarinense, escrito nos séculos passados.

Homem de fortuna, segundo creio, Carlos Ficker, também como José Martins Guedes Pinto, meu primeiro focalizado, residia em Joinville e daquela comunidade escreveu a sua mais completa História, que tive a honra de prefaciá-la, obra premiada pela Fundação Tupy, bem como escreveria, ainda, sobre várias pequenas tentativas de colonização, algumas monografias além do primeiro volume da História de São Bento, comemorativa do seu centenário, estando o segundo volume, segundo creio, já concluído, à espera de publicação.

Carlos Ficker, falecido este ano numa viagem à sua terra natal, a Alemanha, coisa que fazia todos os anos, ou quase, sempre em busca de elementos relativos à imigração para o nosso Estado, possuía ligações com casas de especialidades bibliográficas, delas obtendo surpreendentes achados, que hoje figuram certamente no seu espólio e, acerca de um ano, mais ou menos, obteve na Europa, em Portugal, se me não engano, os manuscritos originais de uma Defesa do Marechal Antônio Carlos Furtado de Mendonça no processo a que respondeu por haver entregue, em 1777, a Ilha de Santa Catarina aos espanhóis.

Com efeito, em 1777, depois de uma campanha inglória,

(continua página 190)



Mapa da costa Catarinense que acompanhou as RAZÕES DE

que deslustrou sobremaneira o brilho das armas lusitanas, a 23 de fevereiro os espanhóis tomaram a Ilha e em seguida o continente fronteiro, até às proximidades de Laguna. Mas na defesa do ponto chave do sul brasileiro, apenas quatro tiros foram disparados, mesmo assim não pelas tropas, que elas mesmo "dispararam", mas façanha de dois crioulos que, pelo jeito, mais o fizeram para "ver" o ronco das peças de que por outra coisa... As recomendações de Pombal, entretanto, haviam sido as de conservar a Ilha a qualquer preço, custasse o que custasse mas, o descaso do Vice-Rei, as ciúmeiras entre o Governador e o Comandante das Armas (êste, justamente, o Marechal Antônio Carlos Furtado de Mendonça), o temor do Almirante Mac-Duall de envolver a sua esquadra muito reduzida com a poderosa armada de Castela, provida de centenas de peças e de com um efetivo de dez mil homens, além do despreparo e da insuficiência das tropas, levaram a uma capitulação ignominiosa e a entrega da Ilha de Santa Catarina ao inimigo, que nela permaneceu durante um ano, só a devolvendo à vista das convenções estipuladas no Tratado de Sto. Ildefonso.

O episódio tem sido narrado por todos os historiadores que se demoraram no assunto, inclusive por mim — e teve como epílogo a exemplar punição dos responsáveis pelo lamentável fracasso bélico: a privação do comando ao Almirante Mac Duall, o Governador e outros dignatários condenados à prisão perpétua, cabendo a Furtado de Mendonça, ainda o rebaixamento do posto com infâmia. Só doze anos mais tarde seriam os culpados anistiados com o perdão real, exceto o Coronel José Custódio de Sá Faria, que nunca foi perdoado e morreu entre os castelhanos, exilado e deshonrado.

É óbvio que os prisioneiros foram defendidos e do Marechal Antônio Carlos conhece-se uma Defesa, publicada na Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Vol. XXVIII, no ano de 1864, constando ter sido "copiada de um manuscrito da Biblioteca Fluminense" (sub-título). Possuo a fotocópia das páginas 291 a 331 contendo a citada transcrição, graças à gentileza de empréstimo de um excelente confrade, o Prof. Carlos Humberto Pederneiras Corrêa, como tenho em meu poder, oferecida por Carlos Ficker, uma cópia datilografada das Razões da Defesa por ele adquirida em Lisboa, Razões que, com sua espôsa, copiou e datilografou, *ipsis-litteris virgulisque*, em nada menos de 84 páginas, com um mapa da costa catarinense, que é o que

ilustra este artigo. As duas peças da Defesa de Antônio Carlos Furtado de Mendonça não coincidem, são diferentes, e só um estudo comparativo detalhado de ambas nos dirá qual tenha sido a primeira, qual a segunda apresentada pelos seus defensores. É um documento tão raro quão interessante e tenho de Carlos Ficker não apenas a cópia referida mas a sua autorização para promover a sua publicação.

Foi devido a essa última que cuidei junto a Ferreira da Silva, também historiador e bibliófilo, infelizmente também já desaparecido da vida presente, com o profundo pesar de quantos o conheceram, principalmente dos seus confrades, a publicação do trabalho pela Fundação Casa Dr. Blumenau, em volume comerciável para que fôssem pagos ao proprietário do documento o seu custo, o seu trabalho e os direitos autorais cabíveis. Ferreira da Silva desapareceu pouco antes de Carlos Ficker — e a nossa intenção se voltou para a publicação do documento pela Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, que já havia publicado a outra Defesa, embora sem direitos autorais e sem volume autônomo, integrado as páginas da Revista — com o que concordou o confrade numa das suas últimas cartas. No momento, aguardo o regresso da Exma. Viuva Carlos Ficker ao Brasil para prosseguir nos entendimentos e poder pleitear junto à direção da Revista do Instituto a publicação de manuscrito, que suponho até hoje inédito, e que é pagina de suma importância para nossa história militar.

O mapa que ilustra este artigo acompanha as Razões da Defesa citadas.

BLUMENAU EM CADERNOS

Fundação de J. Ferreira da Silva

Orgão destinado ao Estudo e Divulgação da História de Santa Catarina

Propriedade da **FUNDAÇÃO CASA DR. BLUMENAU**

IMPRESSO EM OFICINAS PRÓPRIAS

Direção: **F. C. Allende**

Assinatura por Tomo (12 números) Cr\$ 20,00

Alameda Duque de Caxias, 64 — Caixa Postal, 425
89.100 BLUMENAU — Santa Catarina — BRASIL



Mesa que sob a presidência do acadêmico Holdemar de Menezes presidiu a “SESSÃO DA SAUDADE” no salão da Biblioteca “Dr. Fritz Müller”. Prestigiando essa solenidade, a ela compareceu Exmo. Sr. Prefeito Municipal, Felix Christiano Theiss.



Flagrante de uma parte da seleta assistencia que compareceu à “SESSÃO DA SAUDADE”, realizada na noite de 31 de agosto último, em homenagem ao acadêmico José Ferreira da Silva.

Sessão da Saudade

A Academia Catarinense de Letras, promoveu em a noite de 31 de Agosto último, sessão magna em homenagem ao falecido acadêmico José Ferreira da Silva.

Usando da palavra o acadêmico Theobaldo Costa Jamundá pronunciou brilhante peça oratoria, que foi ouvida com atenção, pela seleta assistência que lotava o salão da Biblioteca "Dr. Fritz Müller". Ao ser declarada livre a palavra, falaram os Senhores Edison Müller e Professor Elimar Baumgarten, ambos componentes do Conselho Curador da Fundação Casa Dr. Blumenau e o Exmo Sr. Prefeito Municipal, Dr. Felix Cristiano Theiss.

Discurso pronunciado, como palavra oficial da Academia Catarinense de Letras na "Sessão da Saudade" realizada em homenagem a memória de JOSÉ FERREIRA DA SILVA, a 31 de agosto de 1974 no auditório da Biblioteca Pública "Dr. Fritz Müller", Blumenau, SC, pelo acadêmico Theobaldo Costa Jamundá:

"Quando a Academia Catarinense de Letras abriu os seus trabalhos acadêmicos este ano, o acadêmico José Cordeiro indicou-me para transmitir a palavra oficial nesta Sessão. Entendi a indicação como firmada no meu relacionamento de trinta e quatro anos de admiração à José Ferreira da Silva. Admiração maior e permanente ao cronista de todos os itajáis.

Conheci José Ferreira da Silva em 1939. Ele prefeito municipal de Blumenau, eu praça de pré na Companhia de Metralhadora do 32º BC.

Não cheguei ao território deste Estado como imigrante, e sim como envolvido numa missão que não escolhi. Para mim este detalhe é importante para a interpretação correta do meu encontro com José Ferreira da Silva:

Cumpria período de engajamento no Exército Brasileiro quando o Ministro da Guerra, então o General Eurico Gaspar Dutra, em nome do Presidente da República, que era o dr. Getúlio Vargas, baixou a Portaria nº. 312, de 31 de dezembro de 1938, e entre as novas unidades do Exército criadas, criou o 32º BC, e como elemento deste batalhão cheguei à Blumenau.

Como se vê não cheguei a este Estado a procura de um lugar ao sol; não pedi para vir. A minha inclusão no 32º BC não foi uma solução para melhorar condição de vida. Pois em qualquer unidade militar de infantaria estaria bem.

Mas os imponderáveis encaminharam-me para ser do 32º BC com quartel provisório em Valença, RJ, e definitivo em Blumenau, SC. Contei ficar na amável Valença, RJ. Logo a primeira vista gostei do

seu ar tradicional. E quando menos pensava, o 32º BC tomou a destinação de Blumenau, S.C. E no boletim da 1ª Região Militar li que a missão era a de nacionalização. Procurei atender a missão além dos meus deveres. E não foi difícil. O verdeamarelismo em que amadureço contrito me foi ensinado no meu lar e na minha escola. E tudo no meu Recife, PE. No Exército testei que estava em caminho certo.

A missão do 32º BC. ganhou amplitude, quando tomei conhecimento dos aspectos especiais que a justificavam, circunstancialmente.

Vai aqui esta comentação autobiográfica para tornar a dizer que era assim quando encontrei José Ferreira da Silva. E que sendo assim, quando corria o primeiro terço de 1940 fui nomeado por ele para o cargo de diretor da Escola Agrícola. E aí teve início os meus trinta e quatro anos no convívio da sua amizade.

Sempre o vi com a personalidade de um intelectual. Um intelectual preocupado em mostrar Blumenau além fronteiras municipais.

Tinha o coração batendo, cabeça pensando e os pés no chão do seu amor dedicado.

E é muito difícil que não se o veja assim. Ele portava como portou durante toda a existência a pertinácia de um idealista embasada na consciência de um vocacionado. E pela palavra objetiva como pelo equilíbrio da boa atuação circunstancial dominou o papel de comunicador maior; tanto assim através desta catalizou interesses para o painel catarinense compositado nesta latitude.

Muitos aprenderam com ele a interpretar a paisagem, a história e o esforço do modelo brasileiro desta área cultural; muitos o situaram como líder cultural e o ergueram numa liderança autêntica. Fui destes que quando vivo o destacamos; sou destes que agora o imortalizamos.

E por meio século e três anos inteiros esta região o teve de corpo também inteiro. Foi dela uma inteligência vigilante garimpando peças, nótulas locais, memórias, móveis, documentos, espaços físicos, manuscritos, jornais, folhetos, livros, fotografias, recortes, gravuras, transparências e até se possível fôsse o ar respirado pelos os seus maiores. Por meio século e três anos inteiros defendeu a preservação do acervo da cultura regional.

Professor primário em localidades interioranas não se acomodou e tomou o jornalismo como recurso para a ascensão. Quando fundou "O Escudo" em 1921 no bucolismo da pacata vila de Rodeio, iniciou o jornalismo que fez pelo resto da vida: o jornalismo envolvido na seiva e no cerne de um blumenauensismo natural; um blumenauensismo com raízes na fidelidade histórica. E por este até cometeu pecado. Seus pecados porém, nesta hora de saudade pode-se tomá-los com os descontos de ter sido criatura como nós: de carne e osso.

Administrador municipal ao nível de governador da comuna abriu portas e janelas para os olhares curiosos com propósitos sem precedentes na área cultural da dominância de Blumenau. Criou nos negócios da municipalidade a consciência do orgulho em ter o que mostrar. Quando ainda não se falava, apelativamente, em turismo, o prefeito José Ferreira da Silva, já se preocupava em vender o certo que do encantamento que esta Cidade tem.

Homem de letras. Isto sim ele o foi em todos os minutos da existência. No jornal ou no gabinete da administração municipal. No jornalismo local ou na política local, ele escrevendo ou governando, alimentou e apoiou sem demora às tarefas culturais.

E não lhes deu só apoio, tomou-as com prioridade e levou-as à execução com a sustentação do seu idealismo ímpar.

Homem de letras na mais perfeita significação vocabular, venceu a indiferença circunstante com a filosofia da própria vontade de querer.

Quando como administrador maior ofereceu o bom de ver desta Cidade ou como homem de letras informou sobre gente, paisagem e região, estava se propondo na estimulação do turismo cultural. E o fazia, como se sabe, em tres dimensões, figurativamente, uma ação triangular equilátera:

- informar para destruir limitações,
- informar para catarinensizar abasileirando,
- informar para integrar.

Cauteloso e sempre escudado numa posição defensiva, como sempre gostava de ficar, nunca trombeteu manifestações agressivas porém sempre em guarda nas próprias convicções, pelas seteiras da sensibilidade homem inteligente, replicou ou treplicou com elegância e destemor ou elegância dosada de ironia. Sendo que esta — a ironia — a tinha ensanduichada num riso próprio para o fim. É aquele seu riso, além de ser um instrumento decisivo na sua argumentação, denunciava a marca identificante de ser originário da faixa litorânea deste estado. Mais precisamente, a faixa compreendida entre os municípios de São Francisco do Sul e Laguna, onde açorianidade regional criou um espirito comentativo que é, unicamente, seu. Ali, às vezes, o riso na resposta tem contundência para fazer calar.

José Ferreira da Silva, quem não sabe, sabendo fique, nasceu em Tijucas, SC viveu no planalto serrano e a partir dos 23 janeiros fixou-se no município de Blumenau.

Criatura cautelosa e que sabia achar os caminhos para fazer o que queria. Nunca apareceu na ribalta com a trompa de arauto da nacionalização, entretanto se tome que foi um integralista de elite e jamais de imitação. E fiel à programação de brasilidade pregada pelo integralismo defensor de "Geografia Sentimental", realizou obra nacionalizante com proeficiência profunda.

É na sua oficina; e no seu laboratório; como no seu gabinete, preferiu à emocionalidade circunstancial a experiência de participação no complexo da Campanha de Nacionalização. Foi um colaborador daquela Campanha no grupo dos maiores no qual também estavam os melhores. E "Maldito Seja Quem Mal Pensa". Nós que uma vez entramos naquela e nunca daquela saímos, podemos recomendar, que os interessados examinem o quanto José Ferreira da Silva fez na atuação cultural que desenvolveu durante meio século e três anos, e entendê-lo-ão como agente importante do pensamento circulante na programação de civismo, que oficialmente, se cultua neste momento revolucionário de conscientização da nacionalidade.

Compete associar que as raízes laboradoras desta biblioteca onde estamos, foram embrionárias na semente que ele plantou, com quem é hoje o general de 4 estrelas Nilo Augusto Guerreiro Lima, então major e primeiro comandante do 32º B.C.

Com José Ferreira da Silva, sendo ele o líder, operamos o tratamento dos cotilédones da semente brotada.

Recordo-o genuflexo: ele no seu processo de nacionalizar em silêncio de ouro, todavia através de realização fecundante. E naqueles tempos da década de quarenta iniciada também a organização da "Casa de Fritz Müller". Museu do seu orgulho, funcionando com o certo que de sedutor: as solenidades cívicas; a rede escolar municipal integrada na orientação da escola brasileira implantada neste País sob a recomendação do Presidente Getúlio Vargas.

Estes são apenas alguns pontos destacáveis da sua obra de base nacionalizadora.

José Ferreira da Silva foi um homem que esgrimiu inteligência, silenciou com inteligência, riu com inteligência, liderou com inteligência. E na realidade das posições que galgou sempre fez questão de estar incluído no inconfundível de ser humilde porém ser criatura ativada nos programas culturais da sua gente e do seu Estado.

E tanto foi assim que toda a sua obra cultural é de Blumenau, área cultural, para fora: apresentou os valores locais e nunca temeu arautear que o colonizador alemão Hermann Bruno Otto Blumenau, devia, como se deve, ser considerado um colonizador impar.

E, exatamente, pelas suas lições resolvi considerar o dr. Blumenau como um alemão b asileiríssimo.

Confesso outra vez genuflexo que o meu aprendizado de blumenauensismo cultural o devo, integralmente, a José Ferreira da Silva.

Jamais omitiu valores locais, como também nunca procurou evitar trazer outros para a homenagem merecida:

— Machado de Assis sempre foi nome de um grupo escolar ao qual ele sempre dedicou atenções especiais.

José Ferreira da Silva foi um alquimista provocador de reações, das quais o processo de integração cultural catarinense tirou o maior proveito.

Homem de Letras. Homem que trabalhava muito com o pensamento que era o seu próprio.

Sempre o entendi como dono de uma tenacidade de catequista. Jornalista ou administrador público sempre drenava esforços para o obra de cultura. Avesso à violência de qualquer colorido, foi um ignorante em arma de ferir mesmo a ter que ser usada para defesa. Ilustro aqui um episódio em que com ele fui participante:

Certa manhã fui chamado por ele através o seu motorista oficial. Vivíamos à vespera do visita do Presidente Getúlio Vargas à Blumenau em março de 1940. Disse-me o motorista que era para ir na hora. Pelo tom do recado-ordem, conjecturei uma situação especial surgida na ambiência de urgência indiscutível. Ufanei merecer a confiança fervendo de curiosidade.

O trajeto da Escola Agrícola, onde era diretor, até ao edifício da Prefeitura Municipal, imaginativamente, me vi caminhando para ser executor de missão secreta. E sem dúvida significante no acontecimento da visita presidencial.

Encontrei-o no gabinete de despacho. Tinha o aspecto de preocupado. Mandou que me sentasse e demorou a atarrachar a tampa da caneta tinteiro. Parecia ganhar tempo para desembuchar o que tinha a dizer. Inclinou-se para um lado e puxou da gaveta inferior um revólver militar de cano longo.

A tais alturas, todos os meus sentidos estavam em guarda e diante do mistério, disfarcei o quanto foi possível. Todos os meus 26 marcos, era o quanto já tinha vivido, galopavam imaginação porém tudo me dizia que a porta da história seria aberta para mim dentro de segundos.

Pegou o revólver muito desajeitadamente e disse-me pausadamente:

— Ensine-me a usar isto, por que estou incluído na segurança do Presidente.

Entre esfriado e decepcionado ensinei o quanto sabia.

Mas para que o episódio tivesse perfeita identificação com êle próprio, disse-me dias depois, que efetivamente, usara a arma à cinta porém esquecera de municiá-la.

José Ferreira da Silva foi assim uma criatura desarmada para armar-se. Um **HOMEM DE LETRAS** de difícil imitação. Ocupava ele a Cadeira nº 4, da Academia Catarinense de Letras. Um autêntico acadêmico no melhor sentido e como convém aos cinquenta e quatro anos de existência para a glória da memória de José Arthur Boiteux. Vivo não foi imitado e agora na imortalidade jamais o será. Integrou-se na homogeneidade da cultura Catarinense e a sua memória começa a ser cultuada aqui.

Agora José Ferreira da Silva é uma memória imortalizada. No bosque "Edith Gaertner" é balanço de árvore, baque de folha, gota de orvalho, pingo de chuva, farfalhar de frondes, grão de areia, murmúrio de asa na liberdade concretizada.

Agora estará onde quizer, inconsútil na obra conhecida, vive nas coordenadas do intocável e do invisível, mas permanecerá inesquecível.

Florianópolis, SC. 31. VIII. 1974



Em 1868 a imigração aumentou consideravelmente. O número de colonos que aportaram à Colônia de Blumenau, foi de 1.407, o que obrigou a direção a aumentar, também, o número de seus auxiliares.

O governo Imperial enviou uma comissão de engenheiros que cuidaria da medição e demarcação dos lotes em terras devolutas, com o que a colonização se ia estendendo cada vez mais para o Oeste e Norte, em direção à Serra do Mar e aos terrenos do Príncipe de Joinville, que a Companhia Hanséatica colonizava.



Um apanhado do momento em que o Acadêmico Theobaldo Costa Jamundá pronunciava sua brilhante oração por ocasião da inauguração da placa de bronze no Horto Botânico "EDITE GAERTNER". O orador está ladeado pela Exma. Senhora viúva do extinto, e do nosso prezado colaborador Professor Oswaldo R. Cabral.



Placa de Bronze mandada erigir em homenagem ao acadêmico José Ferreira da Silva, pela Academia Catarinense de Letras, Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina e Conselho Estadual de Cultura. A referida placa foi erigida, sob uma pedra, provinda de Subida e acha-se à sombra de uma velha árvore plantada pelo Dr. Hermann Blumenau, no Horto Florestal "EDITE GAERTNER".

As Enchentes no Vale do Itajaí

J. FERREIRA DA SILVA

- II -

Não temos em que poder basear qualquer afirmativa nesse particular. Mas pela citação dos danos causados e que conhecemos a localização dos ranchos e do acampamento dos primeiros colonos, podemos dizer que, certamente, essa enchente foi a que deve ter ultrapassado a cota dos 10 metros acima do nível normal. Estabelecendo-se nesta cota, não se estará longe da verdade. (1)

1852

O ano de 1852 foi muito chuvoso. Temos, sobre isso e sobre a grande cheia do Itajaí Açu, que sobreveio nos últimos dias de outubro (20/31), não apenas as anotações no "Diário" da Colônia, como além de notícias em cartas do fundador e o depoimento do sábio Fritz Müller que, com a esposa, uma filhinha, seu irmão Augusto e a mulher deste, haviam chegado a Blumenau em agosto desse mesmo ano.

No "Diário" há a seguinte nota: 29 de outubro, nova enchente que cobriu plantações, invadindo casas. Um metro de água dentro do engenho de açúcar. Derrubou barrancos".

Em carta que Fritz Müller escreveu à sua irmã Rosa, a 6 de janeiro de 1853, ele conta: "Nos últimos dias de outubro, depois de um tempo muito chuvoso, deu-se uma enchente como há muitos anos não acontecia. O nosso Garcia (2) subiu 20 pés acima do nível normal. No meu lote, situado a essa altura, as águas não causaram prejuízos. Mas, no de Augusto, a maior parte do mato já derrubado (que aqui se chama roça)

(1) No quadro cronológico publicado por "Blumenau em Cadernos", Tomo IV, página 18, essa enchente figura como tendo alcançado 16 metros, o que achamos muito exagerado.

(2) Refere-se ao ribeirão, a cuja margem Fritz e seu irmão haviam adquirido dois sítios.

ficou completamente debaixo d'água e a lama que cobriu as galhadas e ramos não permitiram mais a queimada de sorte que foi preciso gastar muito tempo e trabalho para deixar o terreno limpo. Pior passaram os muitos colonos que moravam abaixo dos nossos sítios e que haviam construído os seus ranchos nas partes mais baixas; muitos desses ranchos ficaram completamente debaixo d'água e muita coisa se perdeu, acrescentando a isso que muitos colonos chegaram a passar fome porque, com a cheia, os caminhos ficaram interrompidos e a violenta correnteza impedia o tráfego de canoas pelo ribeirão”.

Conhecendo a situação do lote de terra, ocupado por Fritz Müller (1) podemos também calcular o nível a que chegaram as águas do Itajaí. Aquela região começa a ser alagada quando esse nível alcança os 9 metros. Deveriam portanto, as águas do Itajaí, terem chegado a mais de 10 metros acima do normal.

Não temos notícias de cheias nos dois anos seguintes. Naquela época, Blumenau ainda não sonhava em ter jornal e, em Joinville, só em 1862 é que surgiu o “Colonie Zeitung”, semanário que também publicava os fatos mais importantes ocorridos em Blumenau. De sorte que informações sobre acontecimentos dos primeiros anos de Colônia só podem ser obtidos hoje pelos relatórios e cartas do fundador e diretor da Colônia, do “Diário” de Reinoldo Gaertner e de cartas dirigidas por colonos aos seus parentes e amigos na Alemanha.

E a documentação compulsada não se refere a enchente nesse período.

1855

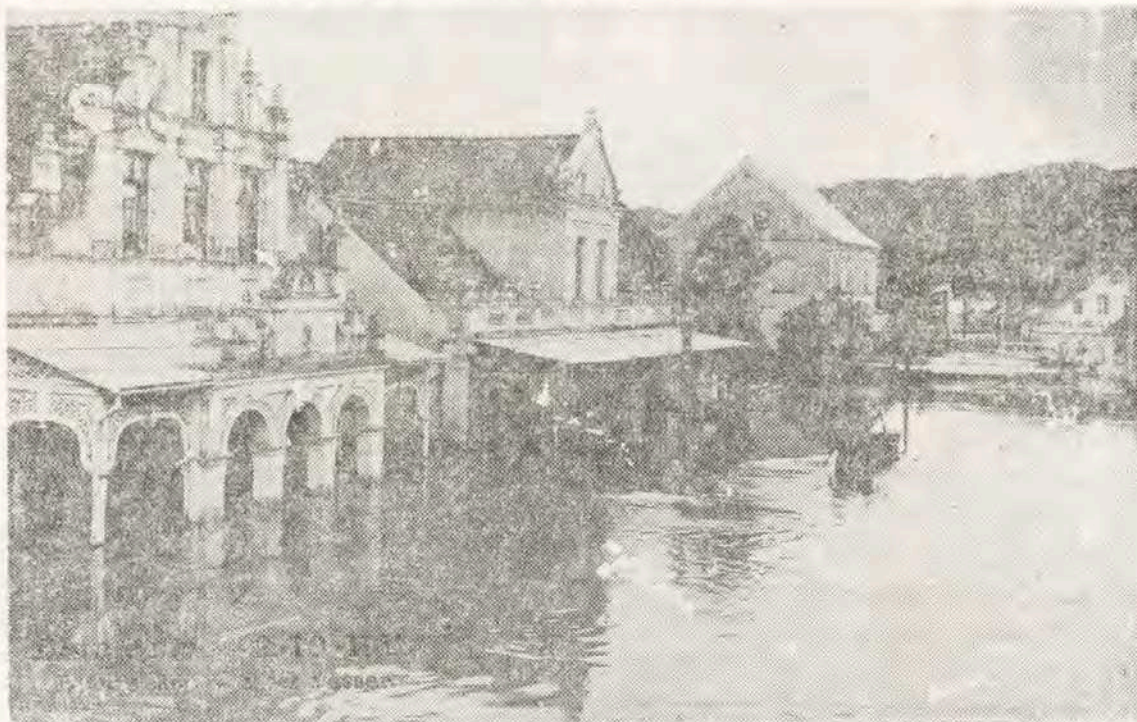
Mas já em novembro de 1855 grande cheia do Itajaí Açú flagelou toda a região por este banhada.

O “Diário” da Colônia a ela assim se refere: “Em 17 e 18 de novembro deste ano, uma grande enchente. Não havia memória, nos antigos moradores de outra igual.

Nessa ocasião, tanto o Dr. Blumenau como o Dr. Fritz Müller se encontravam na Barra do Rio Itajaí Mirim. O segundo fora àquela localidade para assistir Paulo Kelner que

(1) *Parte desse lote pertence a Família Odebrecht*

fora seriamente ferido com uma flechada pelos bugres, quando ocupado nos serviços de construção do seu engenho de serrar madeiras, em Águas Claras, em Brusque.



Um apanhado da enchente em 1911. Rua 15 de Novembro

Fritz Müller seguira a 9 de Novembro e, segundo ele informa, por carta, a um amigo na Alemanha, depois de medicar o ferido por alguns dias, marcara o regresso à Colônia, juntamente com o Dr. Blumenau, para o dia 17. Entretanto, forte temporal obrigou-os a contemporarizar com a partida. Na tarde desse mesmo dia começou a chover torrencialmente sob forte ventania até 18. Mas, nos dias seguintes, continuou, ininterrupta, uma chuva miúda, impertinente. O rio subiu a olhos vistos, com tanta pressa e violência como não se tinha memória. Troncos de árvores enormes desciam com a correnteza, de mistura com aves e animais mortos, formando verdadeiras ilhas, no meio do rio, e que a correnteza ia impelindo velozmente para o Oceano próximo. As barrancas do rio próximas à nossa hospedaria, solapadas pelas águas, desintegravam-se em intervalos mais ou menos demorados. Fritz Müller, o Dr. Blumenau e os moradores do lugar passaram parte da noite e do dia seguinte sempre muito ocupados, salvando as tábuas já serradas que as águas ameaçavam carregar, transportando móveis e objetos

dos lugares sujeitos á cheia para pontos mais altos. Na manhã do dia, chegara-lhe a noticia de que nas proximidades da foz boiavam paredes, soalho e cobertura de uma casa e que, dos papéis e outros objetos entre eles encontrados, constatará-se tratar-se dos destroços da casa do Dr. Blumenau, das proximidades da barra do Ribeirão Garcia. O fundador construíra essa casa em nível relativamente alto e isso alarmou os dois homens, pois, na sede da Colônia Blumenau as águas deveriam estar causando prejuizos enormes. E eles, longe de casa sofriam a maior angústia e negras apreensões. Mas, a 23, a violência da correnteza amainou, permitindo a navegação de canoa rio acima, mas, assim mesmo, foi preciso que contratassem cinco bons remadores. Por toda parte iam encontrando estragos e desolações. Navegaram sobre roças de mandioca de cana e até mesmo entre as copas dos cafezais e entre casas quase inteiramente submersas. Nas casas mais elevadas, onde as águas ao se retirarem haviam deixado camadas de lama, os moradores ocupavam-se em limpá-las. Muitos haviam passado dias inteiro sem comer, trepados nos ramos mais altos das árvores próximas. Afinal, a 24 alcançaram os dois homens a sede da Colônia. As águas, ali, haviam subido a um nível jamais observado. As casas onde Fritz Müller e seu irmão moravam (1) nessa ocasião fora poupada, mas a antiga, no Garcia, tivera água até na altura da janela.

Na Colônia inteira os estragos foram enormes.

Por essas informações de Fritz Müller podemos, sem medo de errar, que essa enchente alcançou pelo menos a cota dos 13 metros acima do nível normal.

Não há,, nos assentamos da Colônia noticias de novas enchentes nos anos subsequentes da década de 50.

1862

Já no segundo ano da década seguinte, o Itajai transbordou em virtude das fortes e continuadas chuvas caídas em toda a região do Vale.

O relatório do Dr. Blumenau, relativo ao ano de 1862 consigna o fato da seguinte forma: "O fim de setembro e os

1) *Essas casas ficavam à margem esquerda do Itajaí, mais alta e, portanto, menos sujeita a enchentes.*

meses de outubro e novembro foram excessivamente úmidos e caindo chuvas torrenciais, os rios constantemente se conservam muito altos e sobrevieram enchentes que, com intervalo de um mês se sucedera, no de outubro, foi muito forte. Os seus estragos foram grandes sobretudo nas partes menos altas da



Um outro trecho da Rua 15 de Novembro durante a enchente de 1911

Colônia, abaixo do Salto e no distrito da povoação, até imensas plantações de tubérculos de aipim das barrancas dos rios e ribeirões e partes baixas que servem para a alimentação do suíno foram partes arrancadas pelo furor das águas, apodrecendo logo a outra que ficou submersa, a consequência é que a criação desse gado durante 18 meses fica consideravelmente reduzida (1). Grande parte dos pastos e das novas plantações de milho, feijão, etc, feitas após o frio, igualmente ficaram completamente estragadas. Após o frio e as enchentes, enfim, no lodo que estas deixaram, se desenvolveram um sem número de lagartas e insetos nocivos, como nunca antes se tem visto e acabaram a obra de destruição, existindo lavradores a quem quatro plantações de milho e feijão foram des-

(1) *Na enchente de 1853, Fritz Müller também perdeu as suas plantações de aipim, o que, o obrigou a sacrificar uma porção de leitões antes da época.*

truidas, ora pelo frio, ora pelas enchentes e enfim pelas largatas.”

Por essas informações não se pode ter a certeza do nível alcançado pelas cheias. Entretanto é de se supor que não tenha ido além dos 9 metros.

1864

Dois anos depois, 1864, nova enchente causou muitos estragos e prejuízos, principalmente na sede da colônia. A ela o Dr. Blumenau, em seu relatório, diz o seguinte: “Nos princípios de setembro, as grandes chuvas produziram uma alta enchente que alargou as partes baixas da Colônia, sobretudo na povoação e suas imediações e causou bastante estragos tanto nas plantações, como em edifícios particulares e diferentes pontes, como as chuvas haviam causado estragos nos caminhos pelos desmoronamentos. Estes últimos pouco a pouco foram consertados e aqueles remediados por novas plantações, se bem que o prejuízo para os interessados sempre não foi diminuto.”

O quadro publicado por “Blumenau em Cadernos” (Tomo IV, página 18) põe essa cheia na cota de 13 metros idêntica a de 1855. Pela forma como o Dr. Blumenau a ela se refere, podemos considerar muito exagerada aquela marca. Não deve ter ultrapassado os 10 metros.

1868 (Julho)

Em julho de 1868 houve pequena enchente. O mês foi muito chuvoso, por tres vezes o Garcia transbordou cobrindo, por tres vezes, a ponte (1). Por essa informação do “diário da Colônia” e tendo fotografias da ponte referida, sobre o Ribeirão Garcia, podemos concluir que essa enchente alcançou nível não superior a 7 metros.

(1) *A primeira ponte que existia sobre o Ribeirão Garcia, onde hoje existe a Ponte “Desembargador Pedro Silva”, estava em nível muito mais baixo que a atual.*

(Continua no próximo número)

BLUMENAU EM CADERNOS respeita a ortografia de seus colaboradores

FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU"

Instituída pela Lei Municipal Nº. 1835, de 7 de abril de 1972

Declarada de Utilidade Pública pela Lei Municipal nº. 2028 de 4/9/74

Alameda Duque de Caxias, 64 — Caixa Postal, 425

89100 B L U M E N A U

Santa Catarina

Instituição de fins exclusivamente culturais

São objetivos da Fundação:

Zelar pela conservação do patrimônio histórico e cultural do município;

Organizar e manter o Arquivo Histórico do Município;

Promover a conservação e a divulgação das tradições culturais e do folclore regional;

Promover a edição de livros e outras publicações que estudem e divulguem as tradições histórico-culturais do Município;

Criar e manter museus, bibliotecas, pinacotecas, discotecas e outras atividades, permanentes ou não, que sirvam de instrumento de divulgação cultural;

Promover estudos e pesquisas sobre a história, as tradições, o folclore, a genealogia e outros aspectos de interesse cultural do Município;

A Fundação realizará os seus objetivos através da manutenção das bibliotecas e museus, de instalação e manutenção de novas unidades culturais de todos os tipos ligados a esses objetivos, bem como através da realização de cursos, palestras, exposições, estudos, pesquisas e publicações

A Fundação "Casa Dr. Blumenau", mantém:

Biblioteca Municipal "Dr. Fritz Müller"

Arquivo Histórico

Museu da Família Colonial

Horto Florestal "Edite Gaertner"

Edita a revista "BLUMENAU EM CADERNOS"

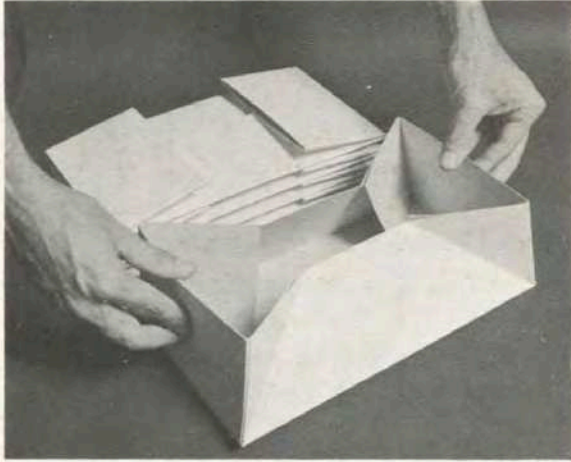
Tipografia e Encadernação.

Diretor Executivo: *Federico Carlos Allende*

Conselho Curador: *Hercilio Deeke* - presidente
Edison Müller - vice-presidente

Membros: *Christiana Deeke Barreto* - *Elimar Baumgarten* - *Dr. Carlos Goffejé* - *Augustinho Schramm* - *Isolde Hering d'Amaral*.

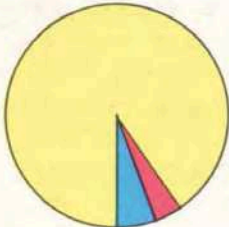
SCHNELL + VERPACKUNG =
a embalagem rápida



REVEJA SEUS CONCEITOS TRADICIONAIS A RESPEITO DA MELHOR EMBALAGEM PARA O SEU PRODUTO, POIS QUE SURTIRAM NOVIDADES.

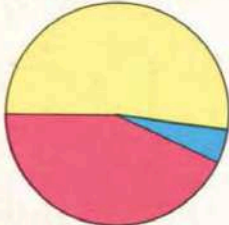
O SISTEMA DE EMBALAGENS DE ARMAÇÃO AUTOMÁTICA JÁ É MUITO DIFUNDIDO NA EUROPA, ESTADOS UNIDOS E JAPÃO; NO BRASIL NÓS SOMOS PIONEIROS E SEGURAMENTE AS EMBALAGENS "SCHNELLPACK" PODERÃO RESERVAR AGRADÁVEIS SURPRESAS PARA SUA EMPRESA.

VOLUME



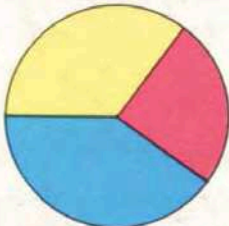
REDUÇÃO DO ESPAÇO NECESSÁRIO PARA ESTOCAGEM

PRODUTIVIDADE



ACRÉSCIMO DE PRODUTIVIDADE NO PROCESSO DE EMBALAGEM DO PRODUTO

CUSTOS



CUSTOS INFERIORES

- CXS. RÍGIDAS ARMADAS
- CXS. DESMONTÁVEIS
- CXS. NO SISTEMA "SCHNELLPACK"

PARA EFEITO DE COMPARAÇÃO, UTILIZAMOS UMA EMBALAGEM HIPOTÉTICA DE TAMPA E FUNDO COM DIMENSÕES DE 30x25x6 cm

